



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Vomule 4 - Nº 1 – Janeiro/Março - 2014

SEXUALIDADE E DIVERSIDADE NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR HOMOSSEXUAIS NO ENSINO MÉDIO FRENTE À PEDAGOGIA HETEROSSEXISTA

Adalberto Romualdo Pereira Henrique¹

Graduado em Terapia Ocupacional – FAMINAS

Especialista em Saúde Pública - UNOPAR

Mestrando em Educação-UCP

Bárbara Moreira de Mattos Figueiredo Caldeira²

Graduada em Pedagogia –UFJF

Mestranda em Educação-UCP

Abstract

This study aims to analyze experiences of homosexual individuals in public high schools against a traditional heterosexist pedagogy. Since a long time ago it has been taught in schools only one type pleasure and relation: the heterosexual, which is defended as the only correct type of relation. We did not find any reports of sexual relation besides the heterosexual pattern recorded in teaching materials in schools. Thus it is necessary to remake those materials and organize discussions regarding homosexuality, since the sexual diversity is something strongly present in a school context. Moreover, it needs to be a topic of discussion in classrooms, promoting the disruption of prejudices arisen from erroneous knowledge acquired over time.

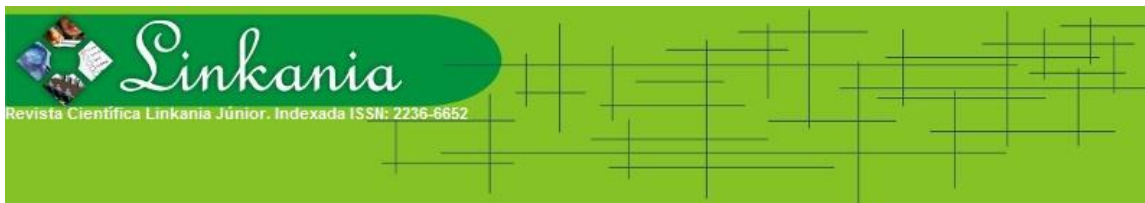
Key words: sexuality; school; heterosexist

Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar as experiências vivenciadas por homossexuais no ensino médio da rede pública de ensino frente a uma

¹ Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis/RJ, bettohenrique@yahoo.com.br

² Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis/RJ, barbaramcaldeira@hotmail.com



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Vomule 4 - Nº 1 – Janeiro/Março - 2014

pedagogia tradicionalmente heterossexista. Desde os primórdios tem sido ensinado nas escolas somente uma forma de prazer e de relação: a heterossexual, sendo esta defendida como sendo a única forma correta de relação. Não encontramos relatos de relações sexuais fora do padrão heterossexual registrado nos materiais didáticos presentes nas escolas, necessitando assim de uma reformulação destes materiais e a promoção de debates acerca da homossexualidade, visto que a diversidade sexual é algo fortemente presente no contexto escolar, necessitando ser pauta de discussões em sala de aula, promovendo a desconstrução de preconceitos originados de conhecimentos errôneos adquiridos ao longo dos tempos.

Palavras-chave: sexualidade; escola; heterossexista

Introdução

A inclusão tem sido pauta de discussões na atualidade e a escola sendo um ambiente de ensino e formação de cidadãos deve ter seu currículo pautado na integração, respeitando as diferenças entre os seus atores. É no âmbito escolar que os estudantes podem edificar suas identidades individuais e de grupo, exercitando assim o direito e o respeito às diferenças. Mas essa não é a realidade de algumas instituições de ensino, muitas reproduzem padrões sociais perpetuando valores defendidos como “normais” e gerando conhecimentos não satisfatórios, que por sua vez contribuirão para uma ideia preconceituosa.

O que se tem observado nas aulas de educação sexual somente a relação sexual heterossexual é abordada, focando esta como sendo a forma correta de se obter prazer, reproduzindo a ideia de que relações homossexuais são erradas e tudo que foge do padrão escolar é visto como fora do padrão de aprendizagem dos alunos. Quais tipos de cidadãos estas instituições estão formando?

Desde os primórdios temos vivenciado tradicionalmente uma pedagogia heterossexista¹ este fato é evidente ao analisarmos os livros e filmes didáticos,

em todos eles as relações fora dos padrões heterossexuais não são abordadas, reduzindo a sexualidade à heterossexualidade contribuindo assim para a estigmatização de indivíduos cujas práticas sexuais não correspondem às ensinadas pelas escolas através de seus materiais.

Segundo Carra (2009, p. 13) a proposta de abordar simultaneamente a problemática de gênero, da diversidade sexual e das relações étnico-raciais se faz necessária. Apesar dessa fragmentação, gênero, raça, etnia e sexualidade estão intimamente imbricados na vida social e na história das sociedades ocidentais e, portanto, necessitam de uma abordagem conjunta.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 292) no contexto escolar a sexualidade não está refletida apenas através das escritas e desenhos nas portas dos banheiros, muros e paredes. Ela adentra o ambiente por meio dos comportamentos dos alunos nas salas de aula e na convivência social entre eles. Algumas instituições tentam silenciar a sexualidade de seus alunos homossexuais por não saberem lidar com situações que poderão ocorrer através da quebra da normatização em seu âmbito ocorrida por uma sexualidade não condizente com o pregado nas salas de aula. Como a escola pode silenciar e/ou não atender a uma necessidade inerente sendo que a sexualidade (seja do indivíduo hétero ou homossexual) é algo intrínseco do ser humano? Portanto fazendo-se necessário a abordagem acerca também das relações não heterossexuais. Afinal, a homossexualidade é um universo a parte cujo direito do prazer não lhe pode ser imputado?

No ambiente escolar inúmeras situações relacionadas a comportamentos de segregação como discursos homofóbicos ocorrem diariamente. Palavras como “mulherzinha”, “bichinha”, “viadinho”, “sapatão” entre outras, são proferidas entre alunos com o intuito de infamaros indivíduos que não se enquadram nos moldes de uma sexualidade socialmente aceitável. Para Carrara (2009, p. 14) todo o sofrimento que emerge dessa situação para

adolescentes de ambos os sexos provavelmente só possa ser entendido por aqueles que também foram submetidos a tais processos de estigmatização.

De acordo com o Texto Base da Conferência Nacional de LGBT (2008, p. 21 – 22) o preconceito originado pelo sexismo² e a homofobia no ambiente escolar produzem sofrimentos. A estigmatização e ospreconceitos afetam as relações sociais e pedagógicas e são fatores de exclusão de indivíduos e até mesmo grupos. Dessa forma, colocam em risco o direito à educação e comprometem as possibilidades de construção da cidadania. É através da experiência escolar que é possível desempenhar um papel fundamental nos processos em que noções de masculinidades, feminilidades, heterossexualidades, homossexualidades são socialmente construídas, interiorizadas, reforçadas e transformadas.

Um dos pontos abordados na conferência LGBT de 2008 são os tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, insultos, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais que são uma constante na vida escolar de adolescentes, jovens e adultos LGBT e produzem sérios efeitos nas suas trajetórias educacionais. A situação mais dramática, geralmente, é a de travestis e transexuais, que enfrentam obstáculos para conseguirem se matricular na rede pública de ensino, freqüentarem aulas, ter suas identidades respeitadas, terem seus nomes sociais nas chamadas, fazerem uso das estruturas das escolas – como os banheiros, por exemplo. A homofobia no ambiente escolar gera violência, medo, insegurança, sofrimento, vulnerabilidade, abandono, evasão, além de prejudicar a formação de todos.

(...) políticas socioeducacionais e práticas pedagógicas inclusivas, voltadas a garantir a permanência, a formação de qualidade, a igualdade de oportunidades e o reconhecimento das diversas orientações sexuais e identidades de gênero [e étnico-raiciais], contribuem para a melhoria do contexto educacional e apresentam um

potencial transformador que ultrapassa os limites da escola, em favor da consolidação da democracia. (Textobase da Conferência Nacional de LGBT – Direitos Humanos e Políticas Públicas: o caminho para garantir a cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, p. 22, 2007)

Para Moura (2005, p. 69) é necessário contextualizar o currículo, cultivando uma cultura de abertura ao novo, favorecendo e estimulando os estudantes e educadores a respeitarem os valores positivos que emergem do confronto dessas diferenças, possibilitando desativar a carga negativa de preconceitos em relação ao modo de viver a sexualidade.

Sexualidade, gênero e diversidade sexual

A sexualidade está presente durante todo o processo de desenvolvimento humano e grande parte deste processo ocorre no período escolar. No ensino fundamental inicia-se a fase dos namoros inocentes e a partir do ensino médio os namoros que naturalmente promovem às primeiras experiências sexuais, fazendo-se necessário discutir essa temática no âmbito escolar, pois é nesse ambiente que todos os estereótipos sobrecarregados de preconceitos devem ser rompidos. A escola necessita ser um local de construção da integração e respeito em relação às diversidades presentes em seu contexto, contribuindo para uma educação inclusiva.

No Brasil a educação inclusiva está amparada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), assegurando a todas as pessoas (brasileiras ou estrangeiras residentes no país) o direito à escola sem discriminar negativamente singularidades ou características específicas de indivíduos ou grupos humanos.

Abordar questões referentes à diversidade sexual e de gênero são

indispensáveis. Segundo Madureira (2007, p. 72) frequentemente práticas homofóbicas são legitimadas no cotidiano através de comportamentos e discursos afirmando que “homens são homens” e “mulheres são mulheres e pronto!”, discriminando toda e qualquer maneira fora dos molde heterossexuais de se viver a sexualidade. Meninos não podem gostar de rosa, ou brincar de jogos de amarelinha durante o recreio na escola e meninas não podem jogar futebol, isso é coisa de menino. A sociedade nos ensina e a escola em sua maioria reforça essas ideias. Mas o que é ser homem? O que é ser mulher? Para o imaginário social esses papéis estão ligados ao estereótipo de gênero e ao exercício da sexualidade dentro dos parâmetros da heterossexualidade reprodutiva.

Segundo Altmann (2001, p. 575) é imprescindível discutir assuntos relacionados à sexualidade nas escolas, essa temática que segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais foi constituída em tema transversal³ é e deve ser abordada em salas de aula pelas diversas disciplinas propostas no currículo, pois a sexualidade permeia diversos espaços escolares transpondo as fronteiras disciplinares e de gênero, fazendo-se presente nas conversas de meninos e meninas, e quais informações/saberes esses adolescentes tem adquirido nas rodas de conversa? Saberes preconceituosos acerca da sexualidade ou saberes reais que contribuem para a formação de sua cidadania? As discussões acerca da sexualidade das crianças e dos adolescentes para Foucault (1997, p. 30 – 32) tornou-se um problema público, levando a escola a se atentar para a abordagem dessa temática, abrindo espaço para debates, codificando os conteúdos curriculares, promovendo a qualificação de seus locutores e contribuindo para romper preconceitos acerca do universo da sexualidade.

Homofobia e homossexualidade

A homofobia tornou-se um termo muito utilizado na atualidade e tem sido pauta de diversas discussões políticas no que diz respeito à inclusão social e a diversidade sexual no âmbito escolar. Este termo só existe e tem tomado grandes proporções, sendo a causa de agressões a homossexuais porque muitas pessoas desconhecem questões acerca da sexualidade, onde já sabemos que homossexualidade não é uma opção, ninguém acordou pela manhã e decidiu ser e enfrentar todos os preconceitos que permeiam a homossexualidade.

De acordo com Junqueira (2009, p.15) a escola configura-se em um ambiente opressor, apinhado de discriminação, produzindo um quadro de violência que muitos estudantes homossexuais estão submetidos no âmbito escolar. Para Louro (1999, p.29) a homofobia ensinada e reforçada pelo ambiente escolar é promulgada pelo desprezo, imposição do ridículo e até mesmo pelo afastamento, sendo julgada por muitos como ainda sendo algo de cunho doentio.

A homossexualidade por muito tempo fez parte da Classificação Internacional de Doenças (CID), carregando o estigma de vício, aberração e pecado de acordo com as repreensões da igreja. Filho (2009, p. 101) nos mostra que a homossexualidade deixou de ser considerada como um problema mental através da decisão da Associação dos psiquiatras americanos em 1973 e somente no início da década de 90 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da lista das doenças.

Ao analisarmos o Programa de Combate à Violência e à discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual (2004, p.30)

observamos no quadro abaixo que a homossexualidade pode ser evidenciada de diferentes formas baseadas na conduta e/ou na identidade sexual de cada indivíduo.

HSH	Homens que fazem sexo com homens. Esta sigla é utilizada principalmente pelos profissionais da saúde para se referirem a homens que mantém relações sexuais com outros homens, independente destes terem identidade sexual homossexual.
Homossexuais	Indivíduos que tem orientação sexual e afetiva por pessoas do mesmo sexo.
Gays	Indivíduos que se relacionam afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo sexo, assumindo estilo de vida de acordo com sua preferência.
Lésbicas	Refere-se às homossexuais femininas
Transgêneros	Engloba tanto travestis quanto transexuais. Fisiologicamente é um homem, mas se relaciona com o mundo como mulher.
Transexuais	Pessoas que não aceitam o sexo que ostentam anatomicamente. Sendo o fato psicológico predominante na

	transexualidade, o indivíduo identifica-se com o sexo oposto, embora dotado de genitália externa e interna de um único sexo.
Dragqueen	Atores transformistas (homossexuais ou não) que no seu cotidiano andam vestidos de homem, exercendo profissões diversas, não afeitas ao transformismo durante o dia.

Fonte: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde. 2004, p. 30

Metodologia

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram entrevistados cinco homossexuais masculinos residentes na cidade de Juíz de Fora-MG e que concluíram o ensino médio em escolas da rede pública de ensino. As entrevistas foram agendadas por meio de contatos prévios realizados via ligações telefônicas e na rede social facebook em dias e horários estabelecidos pelos participantes. As entrevistas foram realizadas em março de 2014, gravadas e transcritas literalmente segundo autorização dos entrevistados. Foi utilizado para guiar a entrevista um formulário com questões semiestruturadas. Na análise do material obtido utilizou-se a análise de enunciação, na qual a comunicação segundo Minayo (1999, p. 207) é vista como um processo e não como um dado estático, e o discurso como ato. Nesta perspectiva, a entrevista tem um lugar de destaque, sendo um discurso dinâmico e espontâneo. Os termos utilizando letra e número (P1, P2, P3...) são abreviaturas utilizadas na apresentação e análise dos resultados para indicar os participantes

entrevistados, no caso quando se referir a P1 será o participante 1 e P2 o participante 2 e assim sucessivamente, sem trocar os respondentes.

Temos como objetivo observarmos e analisarmos relatos e experiências desse público alvo acerca das experiências vivenciadas no ensino médio sobre preconceitos, abordagens sobre a sexualidade em sala de aula através das disciplinas ministradas e materiais didáticos utilizados, bem como explorarmos sobre a necessidade da discussão sobre a pluralidade sexual presente no contexto escolar.

Análise dos dados

O quadro a seguir nos apresenta a identificação dos cinco participantes.

Quadro 1: Referencial de identificação dos participantes

Identificação	Idade	Escolaridade	Profissão atual
P1	26	Graduado em Farmácia	Farmacêutico
P2	24	Graduado em Comunicação Social	Publicitário
P3	25	Graduando em Administração	Auxiliar de recursos humanos
P4	29	Graduando em fisioterapia	Balconista
P5	27	Graduado em História	Professor

Fonte: Investigação de campo realizada pelo pesquisador/ março de 2014

Nas identificações acima observamos que nossos participantes estão entre a faixa etária dos 20 a 30 anos, possuem experiência discente no ensino superior e todos inseridos em atividade laboral.

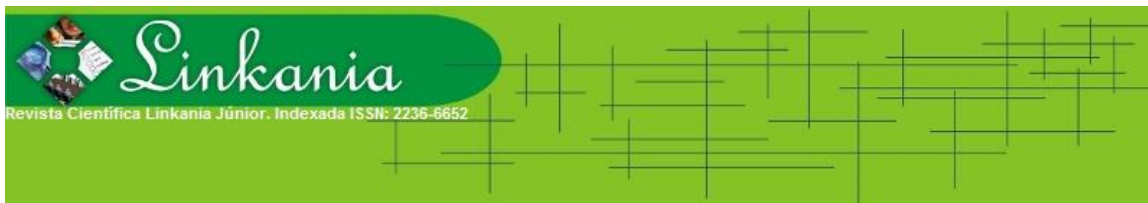
O quadro a seguir tem a finalidade de apresentar os dados obtidos através da entrevista sobre a questão de ter ou não sua orientação sexual assumida no ensino médio.

Quadro 2: Ser ou não homossexual assumido no ensino médio?

P1: “Não. Ninguém sabia de mim. E atualmente só pessoas com quem já fiquei e os amigos mais próximos é que sabem. Tenho medo do preconceito, de sofrer. Andar na rua e receber xingamentos do tipo viadinho, bichinha e outros. Sempre fui muito machinho e isso me ajudava e ainda ajuda muito, impõe respeito. Eu brincava de todas as brincadeiras que qualquer adolescente brincava. Nas aulas de educação física eu jogava bola, vôlei. Nas noites ia pra barzinhos e já até cheguei a ficar com umas meninas pra não suspeitarem de mim.”

P2: “Era assumido apenas para uma amiga que foi obrigada a saber da minha opção por que eu me envolvia com o irmão dela. Os demais desconfiavam de mim porque eu era e ainda sou afeminado, mas nunca ouviram da minha própria boca sobre do que realmente gosto” (risos).

E hoje P2 você é assumido?



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Vomule 4 - Nº 1 – Janeiro/Março - 2014

“Hoje sou assumido. Minha família sabe de mim. Todo mundo sabe e não tô nem aí.” (risos)

P3: “As pessoas sabiam e sabem de mim, nunca me escondi pra ninguém. Entendo que ao se assumir temos que pesar os prós e os contras porque quem é gay corre muito risco ao se assumir. Algumas portas podem se fechar.”

Indagado quais seriam essas portas, P3 continua dizendo:

“Dependendo da área que você escolher, as portas de trabalho se fecharão. O sonho de construir uma família pode se tornar mais difícil por tantas questões sociais que a homossexualidade está envolvida.”

E as portas se fecharam pra você alguma vez?

“Não. Nunca. Primeiramente porque ainda estou na faculdade e acredito que na área que eu escolhi não tem tanto preconceito, pelo contrário, tem muito gay formado em Administração e sendo bem sucedido na profissão.”

P4: “Sou assumido só para meus amigos que também são. Tenho medo de me assumir publicamente e sofrer preconceitos, porque queria muito poder casar um dia.”

Queria? Não quer mais P4?

“Quero sim. Mas acho que tenho algum problema. Apesar de eu sentir atração por pessoas do mesmo sexo, eu não me vejo morando debaixo do mesmo teto com um homem, casado com um homem entende?”

P5: “Sou assumido para alguns amigos e minha mãe também sabe. Sou contra sair por ai levantando bandeiras, querendo fazer a sociedade me engolir. Não preciso sair por ai gritando que curto homem, a única pessoa que deve saber é aquela por quem eu me interessar sexualmente.”

Fonte: Investigação de campo realizada pelo pesquisador/ março de 2014

A homossexualidade é vista por muitas pessoas como sendo uma opção. De acordo com Castañeda (2007, p. 68), não se pode escolher ou mudara orientação sexual por livre opção do sujeito, mesmo ocorrendo por ai debates acerca de “preferência sexual”. O indivíduo tem a opção de contar ou não para a sociedade sobre seus desejos homossexuais.

Na análise dos discursos acima, observamos que os participantes P1, P4 e P5 declararam ter sua orientação sexual assumida somente para pessoas mais próximas, expressando medo e preocupação em relação ao olhar e a estereotipia social sobre a homossexualidade. Sentir medo diante de uma atitude que implicará em uma mudança de vida é normal. De acordo com Santos e Bernardes (2008, p. 289) muitos indivíduos denominados heterossexuais evidenciam através de gestos, olhares e palavras o preconceito e a estigmatização contra pessoas com afiliação amorosa por pessoas do mesmo sexo. Somente os participantes P2 e P3 através dos seus discursosse apresentaram assumidos publicamente “*Hoje sou assumido. Minha família sabe de mim. Todo mundo sabe e não tô nem aí.*” e “*as pessoas sabiam e sabem de mim, nunca me escondi pra ninguém.*” Não demonstrou medo diante das adversidades que homossexuais assumidos estão sujeitos.

No quadro seguinte são apresentadas as respostas dos entrevistados quanto às suas experiências vivenciadas no ensino médio bem como sobre a abordagem da temática homossexualidade nos materiais didáticos e em debates em sala de aula.

Quadro 3: Experiências vivenciadas no ensino médio e abordagem da temática homossexualidade nos materiais didáticos e em sala de aula

P1: “Foram positivas, sempre me relacionei muito bem com meus professores e colegas. Sempre fui muito discreto, não sofri preconceitos, porém amigos meus eram sempre mal vistos pelos colegas. Quanto à abordagem da homossexualidade, no meu tempo nunca foi discutido isso. A professora de ciências só tocava no assunto quando algum aluno fazia alguma brincadeira, mas uma abordagem muito superficial. Só era falada da relação heterossexual. Até mesmo nos livros de ciências naquelas páginas sobre educação sexual que tinham uns desenhos de como colocar camisinha para ter a relação sexual só havia figuras mal desenhadas por sinal de homem penetrando mulher.” (risos)

P2: “Minhas lembranças são negativas. Sofria bullying constantemente por causa do meu jeito mais afeminado, desde piadas até agressões físicas. Nosso Deus já apanhei demais. Nas aulas nunca foi usado como exemplo de estudos os casos homossexuais. Todos os exemplos que nos era passado era com casos heterossexuais, através de pequenas palestras e discussões em grupos.”

P3: “Ah acho foram positivas. Algumas pessoas me xingavam, mas para mim isso nunca foi problema. Me amo, gosto de mim. Gosto de me vestir bem, andar cheiroso, me cuidar. Sempre fui muito popular entre as meninas, vivia no meio delas na escola, era o máximo. Só se falava em transa gay quando eu abria minha boca, achava e ainda acho um absurdo os livros só ensinarem um único tipo de relação sexual. E os gays não transam não?. Eu deixava a

professora louca. A sala inteira ria.” (risos)

P4: “Odiava a escola. Apesar de eu não ser afeminado, sei lá cara, acho que as pessoas sentem que não somos héteros, é como se tivesse uma luz ou letreiro luminoso na nossa testa. Na época da escola passei por uma experiência que me marcou muito.”

(Neste momento P4 ficou em silêncio)

Se você P4 se sentir confortável e quiser contar.

“Quero sim. Acho que vai ser interessante pra alguém que for ler seu trabalho. É coisa boba cara, me lembro de ter ido no banheiro da escola uma vez lavar as mãos e um menino um pouco mais velho que eu abriu o zíper e balançou o pênis dele pra mim e me perguntou se eu queria fazer sexo oral nele. Cara eu não tive reação de nada, abaixei a cabeça e sai na hora. Me senti muito mal.

O que te fez sentir mal?

“O que aquele cara viu em mim que o fez fazer isso comigo naquele banheiro? (silêncio) Ah foi uma experiência que já passou. Não quero ficar remoendo isso não, me faz mal. E sobre as aulas, não lembro de nada a respeito de homossexualidade na aula não. A louca da professora só falava de masturbação e de que tínhamos que nos prevenir das doenças. Uma coisa que me veio na cabeça agora é sobre o prazer, ninguém toca nesse assunto nas aulas não, parece que o sexo é algo só pra reprodução, sei lá, eu acho assim.”

P5: “Foi positiva. Eu tinha muitos amigos na escola. Conversava com todo mundo. Esse assunto de homossexualidade é complicado. Eu cresci em uma cidade pequena, então você já imagina a situação. Quando vim pra Juíz de

Fora achei que estava chegando numa capital (risos), aproveitei dentro do meu limite. Nas aulas que tive só ouvi sobre esse assunto em algumas palestras sobre DST's que a escola promovia.”

Fonte: Investigação de campo realizada pelo pesquisador/ março de 2014

Observamos que mesmo diante de uma pedagogia abordandossomente a prática heterossexual, nossos entrevistados em sua maioria tiveram experiências positivas em suas vivências no ensino médio, porém mesmo diante dessa informação, a questão da não omissão da homossexualidade na educação se torna indispensável, fazendo-se necessário aborda-la nos materiais didáticos. Todos os participantes relataram que não era abordada e nem discutida a questão da homossexualidade nas aulas, omissão gera conhecimento não satisfatório que por sua vez ocasionará em práticas errôneas e preconceituosas. Não podemos de forma alguma deixar a parte experiências negativas vivenciadas no âmbito escolar, como a experiência do participante P4 *“me lembro de ter ido no banheiro da escola uma vez lavar as mãos e um menino um pouco mais velho que eu abriu o zíper e balançou o pênis dele pra mim e me perguntou se eu queria fazer sexo oral nele.”* Muitos meninos tem suas primeiras experiências sexuais no ambiente escolar (vestiário, banheiros) e elas podem agregar para o indivíduo sentimentos de culpa *“O que aquele cara viu em mim que o fez fazer isso comigo naquele banheiro?”* Nessa fala P4 traz para si próprio a responsabilidade do ato cometido por outra pessoa, ocasionando um sentimento de angústia e dor *“ah foi uma experiência que já passou. Não quero ficar remoendo isso não, me faz mal.”*

Diante do acima exposto é imprescindível uma reformulação dos materiais didáticos e de práticas pedagógicas relacionadas ao ensino da educação sexual nas escolas. Não vivemos mais na época de nossos avós

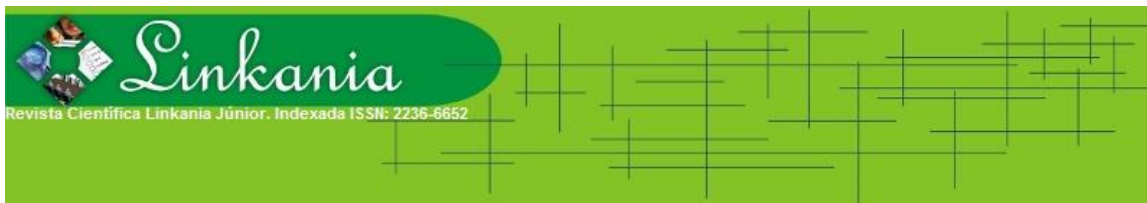
onde a homossexualidade era ainda mais sufocada socialmente. Afinal, qual é o papel da escola frente à homossexualidade? Ela vai continuar omitindo a diversidade sexual dentro de seus muros ou vai se adequar a atualidade, transmitindo conhecimentos tanto para héteros e homossexuais, pois a desconstrução do preconceito deve se começar na escola.

Considerações finais

Observamos a real necessidade da escola e seus atores começarem a questionar seus medos e preconceitos, propiciando assim, abertura para o conhecimento e discussões de outros tipos de padrões de relacionamento e do que é ser realmente pais/mães, construindo saberes que derrubem muralhas preconceituosas erguidas historicamente e mostrando que o diferente não é necessariamente o melhor ou o pior, mas apenas diferente e é preciso saber lidar com ele. O caminho ainda se faz longo no processo da construção do respeito ao próximo em suas diferenças. A sociedade ainda tem que aprender que a mesma se constrói e se desenvolve através das diversidades nela encontradas, não utilizando a orientação sexual como forma de excluir pessoas.

Referências bibliográficas

Altmann, Helena. (2001). **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 575-585. Recuperado em 06 de abril de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X20010002001014&lng=pt&tlng=pt.10.1590/S0104-026X2001000200014.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Vomule 4 - Nº 1 – Janeiro/Março - 2014

Câmara dos deputados. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 5ª edição. Brasília, 2010.

Câmara dos Deputados (BR). **Brasil sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à discriminação contra GLTB e de Promoção da cidadania homossexual**. 2ª ed. Brasília (DF): Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações; 2004.

Carrara, Sérgio. **Educação, diferença, diversidade e desigualdade**. In: BARRETO, Andreia. ARAÚJO, Leila. PEREIRA, Maria Elisabete (Org.) **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009

Castañeda, M. (2007). **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. São Paulo: Girafa.

Filho, A. de Souza. **Teorias sobre a gênese da homossexualidade: ideologia, preconceito e fraude**. In: JUNQUEIRA, R.D. **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2009

Foucault, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Vomule 4 - Nº 1 – Janeiro/Março - 2014

Junqueira, R. D. **Homofobia nas escolas: um problema de todos.** In:_____.(Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: UNESCO, 2009.

Louro, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade.** In: _____. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Madureira, A.F.A. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática.** [tese de doutorado] Brasília: Universidade de Brasília – UNB; 2007.

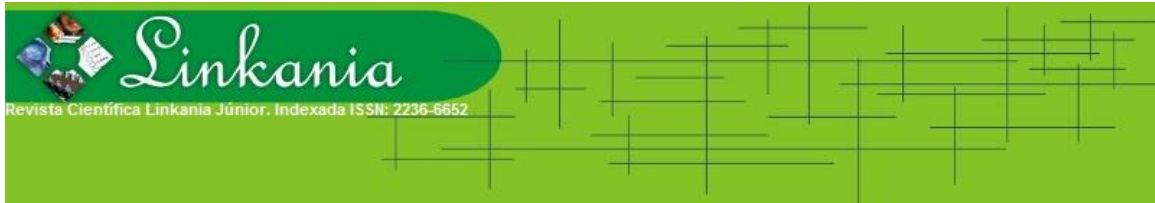
Minayo, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 6. ed.Hucitec - Abrasco: Rio de Janeiro, 1999.

Moura, Glória. **O Direito à Defesa.** In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola.** SECAD / MEC, Brasília, 2005, p. 69-82.

Parâmetros curriculares nacionais:**introdução aosparâmetros curriculares nacionais** / Secretaria deEducação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

PCNs: **Orientação Sexual.** Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997. Volume 10.

Presidência da República. Secretaria Especial Dos Direitos Humanos. Texto-base da Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Direitos Humanos e Políticas Públicas: **O caminho para garantir a cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais.** 2007



Revista Científica Indexada Linkania Júnior - ISSN: 2236-6652

Vomule 4 - Nº 1 – Janeiro/Março - 2014

Santos, JP. and Bernardes, NMG. **Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas.** In Zanella, AV., et al., org. *Psicologia e práticas sociais* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 289-296. ISBN: 978-85-99662-87-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.